

*Oscilações fronteiriças: a experimentação da Segunda Guerra Mundial por um praça da FEB**

PEDRO FELIPE MARQUES GOMES FERRARI¹
Universidade de Brasília

Resumo: O presente artigo visa tratar da experiência pessoal de José Gonçalves, sargento da Força Expedicionária Brasileira, acerca do conflito que presenciara. A partir dos relatos escritos pelo próprio personagem em seus diários, tratá-lo segundo preocupações próprias da micro-história. Dessa forma, abordar os modos pelos quais atribui sentidos aos espaços e a si mesmo enquanto militar. Entre as fronteiras da guerra e sua identidade pessoal, vislumbrar uma possibilidade de análise do conflito em escala mais estreita.

Palavras-chave: FEB; Micro-História; Fronteiras.

Abstract: This article aims to analyse the personal experience of José Gonçalves, sergeant of the Força Expedicionária Brasileira, during the conflict he had witnessed. From the reports written by himself in his diaries, treat it according to the concerns of micro-history. Thus, treat the ways in which he grants meanings to spaces and to himself as a military. Within the boundaries of war and his personal identity, glimpses a possibility of the World War II analysis in a narrower range.

Keywords: FEB; Micro-History; Boundaries.

Traslado físico: a transposição do Atlântico

“É um mundo estranho e misterioso que possivelmente levará muito tempo para ser revelado”, escreve, referindo-se à guerra que se aproximava, Joel Silveira em uma de suas crônicas escritas durante visita ao teatro de guerra italiano (2005, p. 21). O traslado oceânico, traíndo as fronteiras já consolidadas do nacional, apresentava aos praças novos

horizontes e diferentes perspectivas. Toda uma gama de vivências às quais era preciso adaptar-se em um fugidivo processo de familiarização.

Eram aproximadamente 15 horas do dia 19 de fevereiro de 1945 quando do navio *General Meigs* era possível avistar terra novamente. Tantos e tantos dias diante de uma monótona paisagem atlântica finalmente cedia à revelação de um continente, de litorais. Estreito de Gibraltar, os portões de chegada de uma Europa ocidental. A bordo da nau, o 3º sargento José Gonçalves Gomes Filho anotava em seus diários suas impressões pessoais.² Aqui tomados como fonte, estes escritos alinhavam determinada subjetividade sobre a experiência do conflito.

O praça anota que, durante a passagem, podia-se ver “duas pequenas partes de navios que haviam sido torpedeados”, destroços que anunciavam a chegada do desconhecido. Descortinando toda a estranheza de um continente a ser lentamente descoberto em seus pormenores, a tripulação vinda do Brasil respirava diferentes ares. No céu, incessantes patrulhas aéreas que sobrevoavam, cortavam, ligavam as costas africanas e europeias; tantos prenúncios da incerteza da guerra, até então tomada como distante realidade para a maioria da tripulação do navio.

A bordo do *General Meigs* circulavam constantes palpites sobre os nomes dos aviões. Nos diários de José Gonçalves, alguns foram registrados: “mosquitos, bilenger, spit-fire, caças, e de um outro tipo que não me lembro o nome que tinham o formato de 2 aviões ligados”. Muito provavelmente tratava-se de um P-38 *Lightning*, rápido caça norte-americano crucial no desenvolvimento de diversas batalhas ao longo da guerra. Fora exatamente no comando de um tal modelo que o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry fora morto alguns meses antes, em julho de 1944. Apesar de, ao voar sobre os tripulantes do *General Meigs*, tal avião carregar consigo tantas histórias, toda sua eloquência era calada pelos praças brasileiros recém-chegados; bastava reduzi-lo a seu “formato de 2 aviões ligados”, característica que vencia o complicado nome de “*Lightning*” e tornava possível o registro, horas depois, no diário do praça. A estranheza, uma vez vencida pela releitura cotidiana da mensagem, era, finalmente, tornada algo palatável e familiar à tripulação prestes a desembarcar. Assim uniria-se a tantas outras nomenclaturas estrangeiras, domesticadas na linguagem escrita por meio de adaptações ao português, hífen e outras estratégias da memória. Era apenas mais um elemento componente de um incerto quadro que aos poucos seria escrutinado pelos novos militares, sentidos descobertos à medida que a nova

fronteira fosse desvendada. Todo um novo mundo descortinando-se rápido demais ao entendimento, à adaptação. Mas o praça lutava para torná-lo familiar. Tal como no aportuguesamento de estrangeirismos, o esforço de entendimento se repetiria frente ao continente que se revelava. Valendo-se de outros vocabulários, repertórios imagéticos seriam evocados como formas de domesticar o que agora lhe era apresentado.

Voltar-se a estes diários significaria uma alternativa de análise. Jacques Revel defende a proposta de se construir, a partir de histórias individuais ou reduzidas a um pequeno grupo, espécie de modelos generativos,

ou seja, modelos que permitem integrar completamente (e não mais como exceções ou desvios) os percursos e as escolhas individuais. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o “excepcional” se tornaria “normal” (REVEL, 1998, p. 33).

O estudo do particular – exceção ou não – enveredaria por meandros específicos e, ainda que também tecendo discursos sobre o passado, proporia “uma outra trama, uma outra organização do real” (Idem, *Ibidem*, p. 11). O intuito por reduzir a escala de análise, privilegiando a percepção da guerra através dos diários de José Gonçalves em detrimento do movimento *macro* de tropas e contingentes, abriria a possibilidade de outra formulação historiográfica.

Paul Ricoeur destaca, em relação à operação de Ginzburg traçada em “O queijo e os vermes”, a “linguagem histórica disponível”, com suas “propriedades latentes e dispersas” (RICOEUR, 2007, p. 224), organizando-se de forma a possibilitar estratégias de leitura, edificando uma arquitetura de linguagem – e é exatamente neste edifício linguístico que José Gonçalves parece localizar a si.

Chegar à Península Itálica, para o praça, significaria apostar em certas referências. Explorando sua experiência pessoal, arrisca sentidos – ou, melhor, leituras daquele novo que ora lhe é descortinado.

“Quem haveria de dizer que está por 1 ou 2 dias para pisar em terras que já passaram por elas homens como: Aníbal, César, Rômulo, Augusto, e outros tantos, e mais ainda pelos bárbaros”, adapta o praça José Gonçalves. Apesar da distância, o continente que se aproximava não lhe era inteiramente estranho. Mesmo que seus pés jamais tivessem pisado tais terras estrangeiras, as novas paragens nas quais o desembarque seria executado eram tornadas palatáveis mesmo que à distância. “Tantas e tantas vezes estudei quer ora

história, quer geografia sobre o mar Mediterrâneo, estreito de Gibraltar, Itália”, anota em seu diário. Desempenha o papel de um desterrado estudante de forma a se adaptar, compreender tais folhas que estudara, contudo sem “nunca supor que iria ter a oportunidade de *lá* ir visitar”. E emenda: “ou melhor, guerrear”. Embora assim poderia tornar o além-mar mais próximo, o distante familiar, descobriria-se como um estudante pertencente a uma pátria ausente; e, apesar da proximidade física, ao novo continente ainda estava reservada a designação de “*lá*”, reiterando a fronteira não totalmente vencida. Ainda que trasladado atlântico afora, algo ainda reside em seus escritos. Ao vencer a distância, remete-se a discursos prévios – e, assim, toda a novidade parece domesticada. O conflito, submetido à sua recepção, compõe uma trama específica a tal sorte documental.

Há como, ainda, marcadas diferenças entre o estudante que visita e o militar que guerrear enquanto identidades que, a contragosto de puras dicotomias, tentam dividir espaço em uma constante ambiguidade. Segue seu conflito particular:

aqui estou no Mediterrâneo, quantas *maravilhas* e quantas *tristezas* ao pensar que estou tão longe da minha pátria e de todos os meus: pais, irmãos, parentes e colegas que deixei em minha cidade natal e que talvez nunca mais os voltarei a ver.

Certo paradoxo impõe-se na subjetivação de sua chegada. Neste constante remeter-se a certas referências, sua própria identidade é reconstruída. Colocado em um agônico espaço entre a novidade que, apesar de já estudada, supunha o deslumbramento por paragens entendidas como o centro do mundo e o lamento por ser arrancado de sua família rumo ao incerto, encontra-se diante de um jogo de forças. Estudante, filho, irmão e amigo convertidos a um só golpe em militar.

Pois é exatamente pelo “mar Mediterrâneo, que tanta dor de cabeça me deu quando estudava os mares que banhavam a Europa e que é tão falado na história antiga”, que desembarca em outra fronteira. A guerra, à distância, criaria certos pressupostos: posto que em seu destino “não se conhece ninguém”, supõe que “cada habitante é um nosso inimigo, mesmo os italianos”. O conflito não teria gerado, entre as fronteiras do outro lado do Atlântico das quais o praça viera, imagens diferentes. Fora do nacional, distante de sua cidade do interior de Minas Gerais, a incerteza, acreditava, seria a regra.

A chegada subjetiva: apropriações do espaço

No dia 22 de fevereiro chegava a Nápoles. Do convés, o praça põe-se a “ver o porto e as ruínas, povo e a tropa que deveríamos esperar”. Finalmente o mar, deixado para trás, aumentava as pequenas cidades vistas do Mediterrâneo em uma realidade amplificada reveladora de seus detalhes. E desembarcam.

O porto da cidade, encravado entre fronteiras que, em guerra, se reinventam, parece sofrer com cada movimentação de tropas. Casas em ruínas levadas ao chão, outras partidas, recortadas por bombardeios, mantendo-se em pé com obstinação. Nos postes, emaranhados de fios telegráficos apontam para outras comunicações entre diferentes interlocutores àqueles aos quais a cidade se acostumara. Espalham-se a cada esquina tabuletas escritas em inglês orientando os novos visitantes e marcando novas invenções do espaço. Definindo rumos e recriando o cotidiano do porto, sobrepõem-se à cidade de tempos de paz, desenham novas orientações no esforço de recriação da fronteira. Nas ruas, ambulâncias levando e trazendo feridos. Ruidosos soldados, por vezes bêbados, cambaleando entre as esquinas. Mais à frente, uma estátua equestre de um herói qualquer já perdendo o calço de seu pedestal, roído por alguma explosão próxima; prenuncia a exaltação de novos protagonistas em detrimento de outros, já corroídos pela guerra. Uma legião de civis pedindo trabalho junto às tropas americanas – alguns são chamados, outros enxotados. Ordens em inglês, conversas em português e súplicas em italiano misturadas no frio, apesar do tempo ensolarado, ar de fevereiro. Aparências tão distantes às das cidades brasileiras eram retratadas pelo militar desembarcado segundo “as ruínas como se vê nos jornais de guerra, no cinema”. Pequenos relatos do conflito que transcenderiam a distância, tais jornais veiculariam um vocabulário imagético que então poderia ser utilizado para compreender algo tão distante a seu cotidiano enquanto estudante, filho ou irmão. E, ainda que reconhecendo o estado de exceção no qual se encontrava a cidade, a comparação – enquanto modo de conceber a diferença – torna-se inevitável. Segreda José Gonçalves:

passávamos por ruas que às vezes lembravam o Rio de Janeiro, mas que nunca poderia comparar com o Rio, pois o Rio, aqui na Europa, eu aposto que barrava qualquer uma destas cidades que existem por aqui.

Pois era exatamente na tessitura do que deixara do outro lado do Atlântico que buscava alicerces. Como referindo-se a certo repertório de cidades, vincularia o porto ferido pelo conflito às intocadas cidades brasileiras; e generalizaria-o a todas outras tantas cidades europeias que ainda não conhecia. Traduzida a certo vocabulário ao qual já estava familiarizado, a cidade de Nápoles poderia, finalmente, ser compreendida.

Mas não é apenas o porto que cruzaria os caminhos do praça a ser construído.

Ao ser conduzido para o quartel onde se instalaria, em Bagnoli, nos arredores de Nápoles, a aproximação é intensificada. Garotos, mulheres, homens e toda sorte de civis pedindo cigarros. Com o enfraquecimento das conexões entre as cidades italianas, tudo ganharia tons agravados de valor. Alimentando certo processo de escambo, os cigarros recebidos diariamente pelos soldados – e, portanto, inundando o mercado – significariam importante intermediário de trocas que, mesmo apesar do uso da Lira Aliada, moeda de guerra utilizada como pagamento do soldo, seria largamente utilizado em transações cotidianas. Nos diários do praça José Gonçalves, não raro surgem entre parágrafos o preço equivalente às diferentes marcas de cigarro como em uma cotação de índices econômicos. Do transporte militar, ao jogar alguns na rua, todos da multidão andrajosa, “como uma nuvem de urubus, iam sobre o maço de cigarros ou às vezes em cima de apenas um cigarro”.

Pois é exatamente sob tal atmosfera agonizante que é revelado o local onde as tropas se aquartelariam por alguns dias. Grandes edifícios pintados “de cores que confundem com o mato”, dos quais não sobrara vidro algum nas janelas. Lugar onde em tempos de paz funcionava o colégio interno Costanzo Ciano, seu espaço fora palco de relevantes disputas durante a segunda guerra. Inicialmente feito quartel das tropas do Eixo, em 1943 fora tomado pelos exércitos aliados. Bombardeios que tornaram possível a subversão de seus trajetos, ainda marcados nos arredores e nas paredes do complexo, trouxeram outros ares às suas paragens. Crateras abertas por bombas, muros cravejados de balas. Representara por muito tempo um eixo central na disputa fronteiriça e, traíndo seus construtores originais, vertera-se em importante aliado à invasão da Península Itálica. Eis que seus pátios, antes pensados para comportar estudantes dos arredores de Nápoles, agora serviriam de abrigo aos militares recém-desembarcados.

Ao chegar, banho e recebimento de roupas para o frio que, apesar de fins do inverno, ainda assolava a Itália. “Depois nos colocaram um desinfetante como se fossemos cães, ou melhor, animais”. Receberiam alguns sacos de dormir a serem postos sobre antigos estrados de madeira, indícios de alguma antiga cama; uma nova casa. Uma vez aquartelados, compartilhariam certa comunidade com tantos outros trazidos de além-mar entre os muros do antigo colégio italiano. Mas alguns vestígios do inimigo ainda rondavam suas paredes. Se o desembarque significava compartilhar o mesmo solo europeu com grandes heróis do passado, agora a tônica seria outra. A alteridade inscrita no interior dos edifícios apontaria para um inimigo que, segundo representações forjadas à distância, “fuzilava milhares e milhares de inocentes por semana”.

Pois era exatamente naquele espaço tão oscilante entre fronteiras aos poucos reescritas pela guerra que dormiria. Habita aqueles espaços para além de sua materialidade: ao interpolar imagens da tal “linguagem histórica disponível” segundo indicado por Paul Ricoeur, compartilha o quartel com certa presença subjetiva do inimigo. O cheiro da pólvora de tantos fuzilamentos ainda estaria fresco; pelo menos nos sentidos engendrados em seu diário.

O ir-e-vir identitário

No dia 25 de fevereiro, às 9 horas da manhã, uma missa fora celebrada para os militares aliados aquartelados. Aqueles que chegaram poucos dias antes eram os mais apressados para a solenidade. Em seu diário, José Gonçalves destaca o fato de a cerimônia ter sido celebrada “em frente à praça dos quartéis, onde outrora o ditador fascista ‘Mussolini’ pregava suas novas doutrinas”. Parecem ser trazidas à tona outras daquelas imagens que, ainda em solo brasileiro, consumira sobre a guerra. A ausência do inimigo indicaria a vitória; a sobreposição a seu discurso definira a recriação da fronteira. O capelão, em discurso, destacara “que várias vezes havíamos sido atacados por submarino alemão quando fazíamos aqueles treinamentos [em alto-mar], mas que sempre o nosso anjo protetor nos salvava”. Ao “anjo protetor”, enquanto intervenção religiosa, seria vinculada a proteção apesar da incerteza – no caso, da travessia atlântica. E celebrá-la ali, em um antigo

quartel inimigo, reafirmaria a vitória. Ainda que apesar da mobilidade fronteiriça, a religião marcaria a consolidação da conquista.

Mas naquele frio espaço em frente aos quartéis ainda restaria algo de Mussolini. De alguma forma o ditador italiano ainda fazia, mesmo que em silêncio, seu discurso. No antigo colégio Costanzo Ciano, feito quartel, a fluidez fronteiriça era vivida de forma cotidiana. As disputas entre aliados e eixistas pelo espaço deixariam marcas. A fronteira, recuando e avançando segundo sucessos e fracassos de esforços militares conservariam vestígios de um outro contra o qual se combate. Tal é a incerteza do teatro de guerra: inimigos presentes ainda que ausentados por desterritorializações militarmente arquitetadas. É, enfim, por meio de uma miríade de imagens que aquele espaço se abre certa subjetividade. São simulacros, semióforos que, à cadência dos sentidos creditados por José Gonçalves, evocam uma presença apesar da ausência. Para além da frieza dos relatos *macro* sobre o avanço das fronteiras, ao nível *micro* restam tanto desses *kolossoi*, como entrevistados por Carlo Ginzburg – imagens que, auxiliadas pela memória, presentificam o ido (Cf. GINZBURG, 2001, p. 92-103).

Um espaço que não definiria de modo nítido sua posição diante da guerra que caminhava para seu fim. Pois não apenas o espaço sofreria com essas mudanças de horizonte. As fronteiras entre militar, estudante, filho, irmão e amigo também seriam relacionadas em um constante ir-e-vir ora cedendo, ora emergindo. Tal como o colégio Costanzo Ciano, reinventado por diferentes ocupações, o praça se transformaria em outros em uma pluralidade de identidades que lhe eram supostas.

Joel Silveira, testemunhando meses antes tal incerto cenário em sua chegada à Península Itálica, anotara que “num lampejo, tudo me pareceu adulto – inclusive eu”. Ponderando sobre as condições da cidade, e certamente contrapondo-a ao que lhe era familiar, conclui que “tudo está maduro, à espera da morte” (2005, p. 27).

Pois tais constantes nascimentos e mortes daquilo que se é não parecem apenas apontar para o envelhecimento, para o tornar-se adulto. Representaria, para o praça José Gonçalves, idas e vindas de formas de se portar, de repertórios a serem evocados enquanto modos de compreensão do que por ora lhe é apresentado. Tornar-se militar significaria aprender todo um novo vocabulário que chega a ele de diversas formas.

Em uma visita à cidade de Pompeia, destruída pelo vulcão Vesúvio ainda na Antiguidade, tais diálogos entre diferentes formas de conceber-se

seriam tornados claros. Por dias tentara a permissão para o passeio; conseguiria-a apenas em 2 de março. E, juntamente com outros tantos praças, enchia o transporte de tropas. Durante a viagem aos arredores de Nápoles, as mesmas cenas do porto sucumbido ao conflito. “Crianças, moças, rapazes e velhos a pedir ‘cigaretes’”, anota José Gonçalves em seu diário. À entrada da cidade, a divisão clara entre dois espaços: de um lado, a “nova Pompeia”, devastada pela guerra; de outro, a “velha Pompeia”, separada por um cerrado portão que definiria o sítio turístico, a cidade arrasada – mas há séculos pela erupção vulcânica. Ao descer do caminhão, uma multidão que “com pequenos objetos vinham a nós para trocar por cigarros, chocolates, lenços, meias”. Apenas 20 liras – preço pago ao guia turístico – separariam os soldados da guerra na qual viviam, talvez fariam os próprios militares serem deixados para trás cedendo lugar a outras identidades. Rompendo portão adentro, o conflito seria deixado lá fora. Atento a todos os dados discursados pelo guia, o praça memoriza cada pormenor. Nomes dos deuses romanos representados nas estátuas, o mármore utilizado nas construções, o calçamento das ruas. Tantos detalhes registrados em sua memória para depois serem minuciosamente descritos em seu diário. Conta que “esta cidade foi fundada em 600 anos antes de Cristo e arrasada pela erupção de um vulcão no ano de 79 d.C.”. O anfiteatro lhe chama a atenção. Lembra que teria capacidade para 25000 pessoas e que “era separado em três partes conforme a casta: os dignatários, patrícios e plebeus”. E desabafa: “quantas vezes estudei isto e nunca havia pensado em visitar”. O militar agonizara; em seu lugar, vale-se do estudante que visita. Não se refere à guerra, não pede proteção a Deus. Ali mesmo, naquele espaço fechado, tão distante das ruínas da guerra – deixadas lá fora –, sentiria-se seguro. Não há o inimigo inscrito nas paredes, mas sim uma espécie de vínculo à história. E a seus estudos, trazendo um pouco do além-mar, do colégio onde estudara, da cidade onde morara. Pois exatamente tais estratégias da memória levariam-no a concluir: “este foi o nosso melhor passeio”.

O portão da cidade reservada aos turistas – e as 20 liras pagas ao guia – cerraria-o em um espaço que, de tão fronteirizado, traria-lhe outras experiências que não a de militar em missão no estrangeiro.

Mas logo deixaria a vivência como estudante e retornaria, como terceiro sargento, para o quartel em Bagnoli. O lugar onde correria seu cotidiano agora seria o da incerteza entre diferentes fronteiras, entre tantas

formas de compreender a si. O entreato como estudante estava fadado ao fim.

À sua vida militar outras definições seriam agregadas que não as de mero filho, estudante, irmão. Após o almoço do dia 25 de fevereiro, adensando a fila para lavar seu prato, pôde ver certa confusão. Um soldado americano, vendo o prato ainda sujo de um oficial brasileiro que saía da fila, empurrou-o mandando que voltasse a fim de limpar novamente. Logo os ânimos se exaltam, praças curiosos estendem o pescoço para entender a confusão que se complica. Outros fingem não ver na tentativa de não se envolverem. O 3º sargento José Gonçalves anota que “por pouco não esculhambam com esse *soldado*”. Marca as diferenças antes pelo posto ocupado na hierarquia militar do que pela nacionalidade. Diferenças essas que deveriam ser respeitadas. Afinal, não se tratava de nenhuma inversão hierárquica em algum carnaval celebrado em meio ao Atlântico ou alguma visita aos restos históricos de Pompeia. Um soldado desacatando um oficial; tal é a imagem registrada em detrimento de outra possível, a de um americano desrespeitando um brasileiro. Postos bem definidos, indicariam formas de postura exprimidas por algumas divisas marcadas nas mangas do uniforme.

Os lugares reinventados pela guerra não se restringiam às paragens – transbordavam para as identidades e representações sociais. Se, tal como as marcas de balas nos muros ou as crateras de granadas em Bagnoli, semióforos espraiam-se em meio à vivência da guerra tal como engenhada pelo praça José Gonçalves, fazem-no de modo pragmático. Para Roger Chartier, “são estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990 p. 17). Partindo desta abordagem, o historiador defende uma historiografia que considere mesmo as divisões sociais como derivadas de subjetivações culturais. Dos avanços e recuos bélicos, por fim, sobriariam contradições identitárias ao rés-do-chão.

Fazer-se em casa: sentidos para si

A incompletude dos sentidos espaciais, entrevedo em pequenos signos a presença de um inimigo ausente, parece transbordar para a auto-representação de José Gonçalves. O 3º sargento, duelando com outros

sentidos atribuídos a si, por vezes parece falhar. O estudante, lançando luz sobre o que saboreia em solo italiano, digladiava-se com o militar; tal como na postura tomada para além dos muros da antiga Pompeia (isolado e distante dos semióforos da guerra), o praça indefine suas fronteiras pessoais. Em um conflito pessoal, replica os avanços e recuos da guerra.

Esta contradição *micro*, contudo, atrela-se à composição *macro* da guerra itálica. Ao experimentar diferentes espaços, José Gonçalves indica tais ligações em seus diários.

Em uma visita que fizera a Florença, uma das cidades italianas mais abaladas pela guerra, algumas de suas estratégias poderiam clarificar estes ardis identitários. Por todo lado, prédios sucumbidos a bombardeamentos que, a despeito do vai-e-vem cotidiano que persiste por entre ruínas, lembram o conflito.

Entretanto, em meio a tais registros da guerra algo sólido era erguido. O “Hotel Nationale”, tradicional pouso da cidade em tempos de paz, adaptara-se; diante de toda uma nova clientela, “foi adaptado para receber apenas soldados brasileiros que vem do ‘front’ para descansar ou então de outro lugar”, anota José Gonçalves no dia 15 de abril. De toda a península vinham praças brasileiros para se esbarrarem em seus corredores. Conheciam-se, mostravam fotos, exibiam cartões recebidos de casa, comentavam sobre suas cidades.

Mas se a fama do hotel conseguia correr entre acampamentos da FEB de boa parte da Itália, algo entre seus muros, permeando seus quartos, deveria agradecer em especial os brasileiros.

Ao visitar a cidade, o 3º sargento anotara em seus diários tudo o que mais lhe chamara a atenção – o que, afinal, atrairia a simpatia brasileira pelo hotel. Conta que pelas “paredes, da sala de estar e todo o hotel”, espalhavam-se cartões escritos em português. De alguma forma tais recados importaram ao olhar do praça: dentre tantos detalhes passíveis de serem registrados, escolhera logo essas curtas frases distribuídas pelas paredes do hotel. Assim como os detalhes expostos pelo guia que lhe apresentara as ruínas da antiga Pompeia dias antes, apelando a certa identidade estudantil, agora sua atenção é voltada a semióforos de sua terra natal.

“O único regulamento aqui é: procurar sempre ficar alegre, pois aqui vieste para esquecer suas tristezas e distrair”, podia-se ler em um dos tais cartões; ao atribuir importância a esta frase e copiá-la em seus diários, José Gonçalves denuncia seu próprio interesse naquele espaço. Despertaria o

abandono de uma postura militar. Esforço próximo àquele de separação da cidade de Pompeia – a arrasada militarmente pela guerra e a exposta aos olhos dos estudantes em visita –, apartaria o interior do hotel das ruínas lá de fora. Hospedando tantos praças brasileiros, tornava-se sólido enquanto um outro nacional que, apesar da distância, era reconstruído em meio à guerra. Como dito em outro cartão afixado no interior do hotel, “esqueça que está em guerra, os costumes aqui são idênticos em sua terra, lembre-se dela”; transcrita, a frase parece falar para e por José Gonçalves.

Costumes que transformariam a terra: as fronteiras, controladas no incerto fluir dos limites nacionais em guerra, supririam alguma carência do doméstico. Aos firmes muros e cerradas portas do hotel ainda de pé frente à cidade que desmoronava somava-se outro atributo de separação: os costumes recriados de um país distante, redimensionado em meio ao hostil. E parecia surtir efeito; muito frequentado, o “Hotel Nationale” ficaria famoso entre as frentes brasileiras.

Pois recriar um doméstico aproximar-se-ia dos artifícios utilizados pelo hotel em Florença. Entre os percalços do verter-se em militar, uma analogia às vivências *micro* das fronteiras em guerra: deixando toda uma sorte de vestígios da alteridade, torna-se um caminho tortuoso. E, enfim, cercar-se por certos espaços significaria evocar determinadas identidades. O refúgio nas ruínas da antiga Pompeia, o submergir entre os cartões em português do “Hotel Nationale”: como uma terra natal subjetivamente incrustada naquele país estrangeiro, ocupá-la seria voltar para casa – e deixar as divisas de 3º sargento.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

FALCÃO, João. *O Brasil e a segunda guerra mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

FERRAZ, Francisco César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Bibliex cooperativa, 2005.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 21.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 14 de março de 2011 e aprovado para publicação em 31 de maio de 2011.

¹ Pedro Ferrari é doutorando em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde desenvolve a pesquisa “Mosaicos do Filho da Luz: formulações discursivas e identidades de Febrônio Índio do Brasil” sob financiamento do CNPq.

² Estes diários, compostos por três cadernetas escritas do próprio punho do praça, são pertencentes à sua família, que atualmente reside em Brasília.